

Japoneses estão otimistas

Os japoneses são contrários à descentralização das negociações da dívida externa brasileira, que consta do programa econômico do presidente eleito Fernando Collor de Mello. Quem deu esse recado, ontem, à equipe do futuro presidente, foram dirigentes do Banco de Tokyo, durante um encontro de mais de uma hora que mantiveram com a coordenadora econômica Zélia Cardoso de Mello.

O presidente do Conselho Consultivo do Banco de Tokyo, Toshiro Kobayashi, e o presidente do Banco do Brasil, Takanori Suzuki, foram ontem ao chamado "bole de noiva", anexo do Itamaraty, para discutir a agenda de Collor com os credores do Brasil no Japão, onde o futuro presidente passará um dia e meio.

JORNAL DE BRASÍLIA

Incertezas

Otimista, Kobayashi disse a Zélia Cardoso de Mello acreditar na possibilidade de uma "retomada dos negócios entre brasileiros e japoneses", que ele considera praticamente interrompidos diante das incertezas econômicas vividas pelo Brasil nos últimos anos, e principalmente diante do que qualificou de "péssimo relacionamento" mantido pelo País com a comunidade financeira internacional.

Kobayashi acredita que com o governo Collor, o Brasil vai, de fato, mudar de cara, passando a novamente atrair o capital estrangeiro.

"Os investimentos japoneses no mundo — explicou Kobayashi — são ditados pela própria iniciativa privada do País, sem nenhuma interferência do Governo. O que de fato consegue atrair e direcionar esses investimentos são as condições ditadas pelo mercado. Atualmente, o capital japonês está voltado para a Ásia, Europa e Estados Unidos, onde as perspectivas de retorno das aplicações são melhores. O Brasil — afirmou — como o resto da América Latina, não representa mais uma boa opção de investimentos.

Negociações

Kobayashi disse, porém, esperar que haja uma reversão neste quadro, com o novo governo Collor. Ressaltou, contudo, que isso vai depender mesmo é do novo Governo, de como a comunidade financeira e as empresas vão reagir às suas pro-



Kobayashi: novos investimentos

gramações e às suas medidas concretas.

Já o presidente do Banco de Tokyo, Takanori Suzuki, disse que vai colocar o futuro presidente do Brasil em contato com um grupo de dez credores japoneses, destacando-se entre eles o próprio banco que dirige, que detém um crédito para com o Brasil, no valor aproximado de US\$ 1 bilhão.

Nesse encontro, observou que os japoneses vão deixar clara a sua discordância para com a idéia do futuro presidente brasileiro de descentralizar as negociações da dívida externa, fazendo com que cada credor se entenda diretamente com a empresa, prefeitura, governo estadual ou autarquia brasileira devedora. "Essa idéia dificulta em muito as negociações e eleva os custos das negociações", pondera Suzuki.

Ele disse, ainda, que o Banco de Tokyo está particularmente interessado nas opções de conversão da dívida externa em investimento no Brasil. Várias empresas japonesas, segundo revelou o presidente do Banco de Tokyo, vêm com muita simpatia a hipótese de investir no Brasil.